

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA E A ESCOLA BRACARENSE

José Gama

Instituto de Filosofia Luso-Brasileira

Palácio da Independência, Largo de S. Domingos, 11, 1150-320 Lisboa

(351) 213241470 | iflbgeral@gmail.com

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre as visões da "Escola Bracarense" na obra de António Braz Teixeira.

Palavras-chave: pensamento português, Escola Bracarense, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss the visions of the "Bracarense School" in the work of António Braz Teixeira.

Key words: Portuguese thought, Bracarense School, António Braz Teixeira

Dois objectivos centrais estão presentes nesta minha comunicação. Em primeiro lugar, reconhecer o elevado significado da obra do Professor António Braz Teixeira, bem ilustrado com o extenso programa do Colóquio, e acentuando aqui em particular a obra que dedicou ao “alto significado e valor da Filosofia da Escola Bracarense”, com “o lugar de primeiro plano que lhe cabe na especulação filosófica portuguesa da segunda metade da passada centúria” (p. 11). Em segundo lugar, pela minha envolvência pessoal e institucional, testemunhar o significado que representa para mim a participação de António Braz Teixeira nos colóquios realizados na Faculdade, que o levaram a ler “todas” as obras disponíveis dos autores da Faculdade, com o resultado final da obra *A Filosofia da Escola Bracarense*,¹ editado na própria da Faculdade.

O surgimento da Faculdade de Filosofia enquadra-se na década de quarenta do século passado, com participação activa na renovação da nossa tradição filosófica (inserindo-se em linha de continuidade na longa tradição que remonta à segunda Escolástica do Colégio de Coimbra, no séc. XVI, e na acção educativa levada a cabo pelo Colégio de São Paulo, fundado em Braga em 1563, pelo Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires), contribuindo significativamente para o “crescente interesse pelo estudo e interpretação da filosofia portuguesa” (p. 19).

Para além da devida caracterização da década de quarenta, e de um rápido bosquejo do domínio cultural e editorial em que a nova Faculdade mais se notabilizou (por ex., com a *Revista Portuguesa de Filosofia* e congressos que organizou), é no “legado especulativo” que a atenção e a análise do autor se concentram, percorrendo a extensa lista das obras publicadas dos Mestres da Escola. E a conclusão geral que se lhe impõe é o reconhecimento de que “a Faculdade de Filosofia de Braga houvesse constituído uma verdadeira *escola filosófica*.” (p. 22) É esta ideia de **verdadeira escola filosófica**, que o autor repete na conclusão da obra, e que pretendo aqui sublinhar. Os argumentos que aduz podem sintetizar-se nos dois seguintes: primeiro, uma clara unidade essencial, “tendo como horizonte comum o pensamento tomista”; segundo, a inegável originalidade e qualidade criativa, na especulação filosófica dos seus Mestres mais destacados:

“Foi, precisamente, este comum horizonte ou perspectiva tomista que permitiu que, como há muito não acontecia entre nós, a Faculdade de Filosofia de Braga houvesse

¹ António Braz Teixeira – *A Filosofia da Escola Bracarense*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2010 (As páginas indicadas no texto referem-se a esta edição).

constituído uma verdadeira *escola filosófica*, unificada pelas bases de uma doutrina livremente aceite e partilhada e que não tolhia a pessoal demanda especulativa de cada um dos seus mestres e do seu singular e próprio caminho filosófico ou da pessoal leitura actualizadora e dinâmica da herança metafísica do Doutor Angélico.” (p. 22-23)

A exemplo do “aristotelismo” renovado que serviu de fio condutor do notável empreendimento dos Conimbricenses jesuítas do séc. XVI, também agora é o “horizonte comum ou perspectiva tomista” que serve de referência à obra individual de cada um dos mestres, sem subserviências nem limites à liberdade especulativa de cada um. E, dentro dessa perspectiva metafísica de inspiração escolástico-tomista, as diversas áreas de especialidade de cada um dos mestres vão sendo apresentadas,² com maior ou menor desenvolvimento, mas sempre com a síntese clara e rigorosa das posições defendidas e com a preocupação de deixar bem claros “os rumos inovadores” e actualizadores das grandes questões de fundo, subjacentes ao projecto filosófico que esteve presente, e que introduziu novo dinamismo na reflexão filosófica entre nós, na segunda parte da centúria transacta. Alguns exemplos emblemáticos podem ilustrar a simpatia empática como o autor António Braz Teixeira aborda cada um dos autores e comenta a sua inserção inovadora nas correntes da filosofia contemporânea:

- em Júlio Fragata, revela-se a grande vocação especulativa, em diálogo profundo e criativo com o pensamento husserliano, defendendo a fenomenologia como verdadeiro fundamento da Filosofia, e delineando, a partir daí, perspectivas especulativas verdadeiramente inovadoras no âmbito das grandes questões tradicionais da analogia, da causalidade e do problema do uno e do múltiplo...;

- em Diamantino Martins, autor da mais vasta e diversificada obra entre os mestres da escola, deparamo-nos com “uma singular forma de existencialismo cristão, marcada por um constante diálogo com o pensamento de Santo Agostinho, Bergson e Unamuno” (p. 57); o enigma ou o mistério do ser humano é diversamente questionado, tendo em conta a importância decisiva da experiência perceptiva da realidade, em que as questões ontológicas da sua formação tomista se cruzam com o diálogo com a descoberta do inconsciente e com as exigências de uma concepção do conhecimento intuitivo imediato, e o deixam insatisfeito com a definição tradicional do homem como *animal racional*...; também as temáticas do problema de Deus e do amor, da beleza e da arte ou da atitude estética, são objecto da sua reflexão, habitualmente pouco

² A metafísica de **Cassiano Abranches**. – **José Bacelar e Oliveira**: da crítica à antropologia. – O realismo fenomenológico de **Júlio Fragata**. – O existencialismo cristão de **Diamantino Martins**. – A filosofia das ciências de **Vitorino de Sousa Alves**. – A reflexão ética de **Lúcio Craveiro da Silva e Roque Cabral**. – A metafísica da saudade de **António Dias de Magalhães**.

sistemática, e desenvolvidas numa prosa agradável e poética, mais sugestiva e envolvente do que professoral, sem deixar de conduzir o pensamento para a realidade do mistério do ser-homem na presença do mistério do próprio ser-divino;

- em Vitorino de Sousas Alves, a “ciência universal do conceito transcendental do ser enquanto ser” adquire uma particular relevância na relação entre a filosofia e as ciências, e na reflexão central dedicada à própria Filosofia das ciências (p. 75); a lógica, a epistemologia, a matemática, a cosmologia, a biologia, a(s) ciência(s) em geral, eram temas/áreas sobre as quais dissertava, com a acrobacia especulativa e científica que lhe eram peculiares, deixando os seus alunos estupefactos e embevecidos, habitualmente sem capacidade para acompanharem esses “voos” da profunda dialética especulativa e científica que o singularizavam entre todos os outros mestres da Faculdade. Continua a ser proverbial entre os seus antigos alunos a sabedoria “transcendental” do P. Vitorino... Os seus escritos registam essa profunda sabedoria metafísica e científica.

Não julgo necessário entrar em maior detalhe nas caracterizações que António Braz Teixeira faz do pensamento de cada um dos autores. Não deixo, no entanto, de chamar a atenção para uma das conclusões que enuncia na conclusão, antes de enumerar um elenco de *teses* ou questões (em número de 42) em que os mestres convergem ou coincidem, e que lhe “conferem essencial unidade como *Escola*” (p. 117). A conclusão interpretativa a que me refiro denota a visão de enquadramento geral do pensamento português contemporâneo, que António Braz Teixeira domina como ninguém, e que aqui sublinha o papel desempenhado pelos grupos ou escolas do Norte do país na firme e fundamentada renovação da reflexão filosófica criativa e estruturada. A citação um pouco mais longa justifica-se pela necessidade de transmissão fiel do pensamento do autor:

“(…) as quais [*teses*] permitem afirmar, com rigor, estarmos em presença de uma *Escola Filosófica*, só comparável, na passada centúria, à que, entre 1919 e 1931, em torno do magistério de Leonardo Coimbra, Teixeira Rego, Aarão de Lacerda e Newton de Macedo, floresceu na Faculdade de Letras do Porto e de cujo espírito, em certos aspectos, como a superior perspectiva metafísica, o pluralismo ontológico, o espiritualismo criacionista, a reflectida atenção à ciência ou à meditação sobre a saudade, aquela foi continuadora ou herdeira.” (p. 117)

É certo que, entender a escola de Braga, de inspiração tomista, como “continuadora ou herdeira” da referida escola do Porto, poderá levantar algumas interrogações, se

atendermos à concepção sistémica ou metafísica de fundo, tendo, no entanto, em conta que o autor diz, expressamente, “em certos aspectos, como...”.

São certamente núcleos fortes de renovação, e um dos pontos comuns é a atenção dedicada ao estudo das nossas tradições filosóficas, à luz ou à sombra dos desafios lançados pela interrogação sobre a questão do “problema da filosofia portuguesa”, desde a década de 40. Creio que o lançamento da *Revista Portuguesa de Filosofia*, em 1945, e a promoção do I Congresso Nacional de Filosofia, em 1955, são bons exemplos que vão nesse sentido. Para além dos variados estudos sobre filósofos portugueses publicados desde os primeiros números da Revista, o autor António Braz Teixeira dedica um capítulo a um tema mais sensível, no âmbito da filosofia portuguesa, com a análise de “A metafísica da saudade de António Dias de Magalhães”. Aqui podemos verificar o feliz cruzamento da tendência inspiradora da Escola com a novidade da temática debatida nessa década de 50 do século passado: “a partir de pressupostos tomistas, delinear uma metafísica do sentimento saudoso” (p. 109).

Com estas anotações que a (re)leitura da obra de António Braz Teixeira me suscitou, em vista da homenagem que lhe é justamente prestada em devido tempo, com este Colóquio, creio que devo atender também às perguntas ou interrogações que certamente acodem à mente, perante esta apresentação concentrada apenas numa pequena obra, e que é dedicada à leitura e análise da produção de outros pensadores, mais do que à apresentação expressa do seu próprio pensamento. Afinal, o que traz de novo esta obra de António Braz Teixeira?

Antes de mais, a verificação desta importante faceta do pensamento filosófico de António Braz Teixeira: - busca do saber e abertura a todas as correntes de filosofia que possam aportar-lhe algo de novo. A sua simpatia empática pelos autores de uma escola identificada com a tradição aristotélica da escolástica tomista renovada é disso um bom exemplo. Por mais renovada que se apresente, no contexto da filosofia contemporânea, europeia e nacional, essa tradição não deixa de ser estruturalmente constituída pelo sistema metafísico que as escolas medievais assimilaram e aperfeiçoaram ao nível de perenidade que lhe tem sido atribuído. Este facto não pode deixar de ser aqui sublinhado, pois creio que é um bom exemplo das expressões mais características do pensamento filosófico de António Braz Teixeira, que sabe associar o espírito de abertura e de universalidade à exigência de qualidade e de rigor na especulação e fundamentação científica. Por isso, a “descoberta” da obra dos “filósofos da escola bracarense” foi acompanhada pela surpresa agradável que o levou a

debruçar-se sobre todas as publicações disponíveis, a propósito dos colóquios em que participou, não se contentando com a simples recolha de elementos para as comunicações nesses eventos. E, assim, surgiu, como resultado, a obra em análise.

Depois, foi o lançamento e reconhecimento do valor e influência desta *verdadeira Escola Filosófica* no desenvolvimento e na afirmação da Filosofia, a nível do pensamento filosófico nacional, especialmente na segunda metade do século transacto, pela mão de um autor situado fora do ambiente da própria Escola, e com o peso na “filosofia portuguesa” que todos lhe reconhecemos. E assinalando ainda, que a autonomia no ensino superior do curso/licenciatura de Filosofia só se oficializa nos finais da década de 50, depois da afirmação nacional e internacional da *Revista Portuguesa de Filosofia* e da Faculdade de Filosofia de Braga.

Por último, e a nível mais pessoal, acresce a particularidade da sensação saborosa de rever os meus Mestres, como que “ao vivo”, na fina e fiel análise que António Braz Teixeira faz das suas obras. O autor entrou de tal maneira no “espírito da Escola”, que até elaborou no final a lista de *teses* comuns ao sistema filosófico subjacente ao ensino ministrado, que parece remeter (pelo menos faz lembrar!) para o conjunto de “teses” que faziam parte do exame oral final da licenciatura, o chamado “De universa”, perante um júri de vários professores.

Como conclusão, permito-me alongar a revisitação das obras dos Mestres da Escola Bracarense, como parte da memória viva da nossa actividade filosófica mais recente, lembrando o prolongamento activo da própria escola filosófica através da acção de docência dos seus antigos alunos que, tanto a nível do ensino superior como do ensino secundário, estiveram e estão ainda presentes em numerosas escolas e universidades de todo o país. Não será seguramente pela reprodução do sistema filosófico recebido que serão reconhecidos, mas pela fidelidade à exigência do próprio filosofar, criativo e fundamentado, no exercício correcto da capacidade de pensar criticamente e de despertar nos alunos essa mesma atitude, formando cidadãos livres, solidários e interventivos na sociedade democrática.

Um obrigado muito sincero e sentido ao Professor António Braz Teixeira!